

Adriana Carranca. Repórter sem fronteiras, na profissão e na vida

“Malala é a antiCinderela, uma menina que aprendeu o seu valor”

IVANI CARDOSO

COLABORADORA (*)

Quando conheci Adriana Carranca, ela tinha 17 anos e estava concorrendo no primeiro Concurso Garota AT deste jornal, que organizei durante muitos anos. Diferente da maioria das concorrentes, ela estava bem mais interessada na minha profissão do que nas regras, nos prêmios ou nos desfiles do concurso. Não deu outra. Virou jornalista, e das boas, com mestrado em Políticas Sociais e Desenvolvimento pela London School of Economics (LSE), como bolsista Chevening.

Trabalhou na TV Tribuna, na revista *Veja* e atualmente é repórter especial de *O Estado de S. Paulo*. Aos poucos, suas matérias foram tomando forma e o conteúdo de um Jornalismo com o compromisso de denunciar injustiças e tentar fazer sua parte. E ela foi cruzando fronteiras e conhecendo áreas de conflitos, onde os direitos humanos têm pouco espaço e a tolerância religiosa muitos limites. Suas reportagens foram publicadas por revistas como a americana *Foreign Policy* e a edição francesa da *Slute*. Cobriu extensamente a guerra no Afeganistão e no Paquistão, onde estava quando o líder da Al-Qaeda, Osama bin Laden, foi morto em uma operação dos EUA. Mergulhou no universo de países muçulmanos como Irã, Egito e Tunísia, e nos territórios palestinos para reportagens especiais. Acompanhou de perto alguns dos conflitos mais sangrentos da África, como as guerras na República Democrática do Congo e no Sudão do Sul.

Foi correspondente na ONU, em Nova York. Tem três livros-reportagens publicados para adultos: *O Irã sob o Chador* (Ed. Globo), finalista do prêmio Jabuti; *O Afeganistão depois do Talibã* (Civilização Brasileira) e *Os Endergoz Curiosos de Noca* (Iorque). Agora, se encantou e entrou de cabeça no universo infantojuvenil, lançando *Malala, a menina que queria ir para a escola* (Companhia das Letrinhas), com previsão de noite de autógrafos em agosto, em Santos. Nessas viagens profissionais perigosas, ela deixa pelo menos duas pessoas com o coração apertado: a mãe, Terezinha, que reza e entende a vocação da família; e o marido Jacyr Viana Quadros, com quem está casada há dez anos, companheiro que respeita, aceita e incentiva o seu trabalho. “Sei que eles se preocupam, mas sabem que não sou uma louca, não pratico atos heróicos”.

Como começou seu interesse pelos países em conflito?

Em 2012, estive como pesquisadora convidada do Instituto Reuters para Estudos do Jornalismo, na Universidade de Oxford (EUA). Em 2013, integrei o Projeto de Jornalismo Internacional, da Universidade Johns Hopkins, de Washington. As coisas foram acontecendo. Fiz uma exposi-



ção fotográfica. *Outono em Cabul*, que circulou pelo Brasil e uma das imagens foi escolhida pela ONU para integrar a campanha *Humanizing Development*.

Como foi o envolvimento com a história da Malala?

Para mim, ela é a antiCinderela, uma menina que aprendeu o seu valor e não queria se realizar pelo casamento, como todas as outras de sua tribo no Paquistão, mas por si própria e pela educação. Ela é a mais jovem ganhadora do Prêmio Nobel da Paz. Eu já conhecia a história da Malala; logo depois do atentado, fiz uma matéria especial para domingo. Conversei com amigos, falei com pessoas próximas, contei sua história. Eu já tinha ido para lá duas vezes, uma delas para a zona tribal onde o Bin Laden morreu.

Como você chegou lá?

Eu estava no Afeganistão e atravéssei para o Paquistão. Acompanho uma família no

“A mulher é como uma joia, como uma propriedade dos homens (no Islã)”

Afeganistão para um livro que estou escrevendo sobre o Cristianismo e o Islã nos tempos de hoje. O Matinas Suzuki, editor da Record, que voltava da Feira do Livro de Frankfurt, leu a matéria e me convidou para fazer um livro sobre ela. A proposta era usar o atentado para falar da violência no Paquistão, nos moldes que eu tinha feito nos livros sobre o Irã e o Afeganistão.

Quais foram as dificuldades?

Na época foi difícil conseguir um visto. Foi uma vergonha para o Paquistão uma menina ter sido atingida. Outras meninas

também morreram e acabaram sendo esquecidas, mas felizmente Malala sobreviveu para contar essa história. Duas mil mulheres foram assassinadas no Paquistão no ano em que a Malala sofreu o atentado, o país tem um dos maiores índices de assassinatos de mulheres.

O que a diferenciava das outras meninas da idade dela?

Na época do atentado ela já era conhecida como ativista. Ela nasceu no vale do Swat, num quarteirão adjacente à escola onde o pai, Ziauddin Yousefzai, era professor e fundador. No mesmo ano que o pai fun-

dou a escola ela nasceu, e com 10 anos de idade viu sua cidade ser controlada pelo grupo extremista Talibã. Eles proibiram a música, a dança, proibiram as mulheres de saírem à rua e de estudar. A escola inicialmente era só para meninos, mas a Malala abriu os olhos do pai para isso. Eles eram muito companheiros. Como as mulheres não podem sair de casa no cinturão tribal, na área da etnia Pashitun, ela saía sempre com o pai.

Como é o tratamento com as mulheres?

Eles têm um código de honra anterior ao Islã, com registro de mais de 2.500 anos. Para eles, a mulher é como uma joia, como uma propriedade dos homens, para eles não é uma violação dos direitos da mulher e sim uma proteção. É um lugar muito violento, todos eles têm armas e todos protegem as coisas deles com as armas. No vale do Swat há uma faixa no mercado dizendo que é proibida a circulação de mulheres. Homens mais liberais, que deixam a mulher sair, mesmo com burca, são vistos como pervertidos.

Por que com Malala foi diferente?

Malala é a filha mais velha e, como a mãe, ficava em confinamento. Até nascer o irmão, ela é que acompanhava o pai. Foi a primeira menina a ir para a escola. Quando há irmãos mais velhos, eles protegem as meninas. Ela foi crescendo e observando o trabalho do pai, sempre por perto na escola. Seu pai, um porta-voz do vale, virou líder na comunidade. Na época do atentado, a escola já estava com 900 alunos. Ela

percebeu desde cedo que não existia nada para fora da escola como espaço para realização e conquistas. Ali ela se destacava, começou a tirar as melhores notas, queria mostrar para o pai que ela podia, estudava muito, exercia liderança com as outras meninas, participava de todos os jogos e competições. O pai foi percebendo também que podia se realizar como pai por meio dela e não só dos meninos.

Qual era a posição de Malala na comunidade?

Malala era muito querida. Quando aconteceu a guerra em que o Talibã invadiu o Swat, em 2007, ela tinha 10 anos. Só que 10 anos de uma menina criada em um espaço em que ela podia se expressar, e continuou assim. Os jornalistas que foram para o vale cobrir a guerra, naturalmente, procuravam a escola, porque Ziauddin era uma fonte. Ela, muito atrevida, começou a opinar, achava um atrevimento do Talibã querer tirar das meninas o direito à educação. Falava como uma menina e não pensava na repercussão de suas palavras. Quando a guerra se intensificou, os jornalistas tiveram que sair de lá e a BBC teve a ideia de criar um blog e dar para alguém da escola escrever. Inicialmente seria uma menina mais velha, mas ela desistiu, e Malala foi convidada. Apesar de o pai achar que ela era muito jovem, aceitou.

CONTINUA NA PÁGINA E-4

“Senti medo, achei que poderia ser sequestrada”

IVANI CARDOSO

COLABORADORA (*)

Como Malala conseguiu fazer o blog?

Malala não tinha computador, o jornalista ligava para ela todos os dias e ela contava o que via. A BBC era muito lida, principalmente nas regiões fora da zona tribal, e o blog dela ficou muito famoso, era a única janela para o vale. O Talibã queria fechar todas as escolas, o pai de Malala insistiu e só desistiu quando eles ameaçaram explodir a escola. No último dia do prazo, 15 de janeiro de 2010, ele obedeceu: foi a última escola do vale a fechar. O blog pressionou o exército, que manteve uma posição neutra, a se posicionar. Era a voz de uma

menina contando genuinamente o que estava acontecendo. Então eles resolveram invadir e expulsar o Talibã e revelam quem é a menina blogueira. Ela se torna um alvo. O governo do Paquistão dá um prêmio para ela e ela diz que seus ídolos são Barack Obama e Benazir Butto, que o Talibã tinha assassinado. Eles primeiro ameaçaram, depois atiraram.

Quando você conseguiu chegar?

Fui para lá dias depois do atentado, que foi uma vergonha para o Exército do Paquistão, eles têm convivência com o Talibã até hoje. A escola do pai de Malala já estava funcionando de novo, mas todos estavam com medo. O Talibã é uma organização informatizada, eles têm face, twitter, instagram, mandam releases, publicam uma revista on-line, têm os contatos e ligam para os jornalistas. Eu já estava na estrada quando ameaçaram executar os jornalistas. Tive medo, mas já estava ali. Eu me preveni, estava coberta, com roupa local, meu motorista era da região e meu guia indicado pelo correspondente do New York Times. Eu tomei precauções.

Onde você se hospedou?

Tinha a opção de ficar em um hotel, mas esse hotel estava vazio há oito meses e achei que eu seria um alvo fácil de ser localizado. Já haviam bombardeado uma pousada no Afeganistão onde eu costumava fi-



car, foram caçando os hóspedes e matando todo mundo. Procuro evitar hotéis e pousadas, prefiro a casa das pessoas, é mais seguro. Por isso, no vale, optei por ficar na casa do guia, os pashtuns são hospitaleiros e parte do código deles é respeitar os hóspedes. Senti medo, achei que poderia ser sequestrada. A casa não tinha cozinha, era chão de terra, um buraco como banheiro.

Só quando chegamos e vi alguns homens barbudos e armados até os dentes, o guia me contou que o irmão era um talibã e estava preso, levei o maior susto. Fiquei tensa e pensei que eu não tinha avisado ninguém que estaria ali, tudo poderia acontecer e ninguém saberia. Depois me explicaram que aqueles homens faziam parte de uma milícia armada que protegia o vale.

Quando tempo ficou lá?

Três semanas. Fui conversando com as pessoas do vale, entrevistei o príncipe do Swat na capital das zonas tribais. Em Pechaur, dormi em um hotel que tinha sido explodido. As pessoas não têm muita informação, mas o Paquistão é muito mais perigoso que o Afeganistão. No Congo e no Sudão era perigoso porque existia uma guerra de verdade e eu estava dentro dessa guerra. No Paquistão basta estar no lugar errado e na hora errada, há muitas explosões.

Como surgiu a ideia de escrever um livro infantil/juvenil?

Surgiu quando fiquei na casa convivendo com a família e com as crianças de várias idades da casa. À noite, o avô contava histórias para as crianças, que eram traduzidas para mim pelo filho. Convivi com coisas boas e ruins. Testemunhei brigas dos filhos, vi como os filhos homens têm autoridade até sobre as mães e, mesmo pequenos, podem dar ordens.

“Tento fazer o melhor para mim e para as pessoas que estão perto de mim”



Acompanhei o que é ter um talibã como integrante da família. Em pashtuns têm uma regra que diz que quando alguém da família faz alguma coisa errada, às vezes é preciso até dar uma filha ou neto de presente para a tribo rival. Fui vendo um pouco de beleza no horror.

Você não se posicionava?

Era difícil, só uma vez não me controlei, quando a mãe reclamou que o filho tinha batido nela. Eu comentei que no Brasil isso não poderia acontecer. Então o neto, de 14 anos, falou que talvez eu não devesse estar naquela casa, que eu não seria bem-vinda se pensasse assim. O avô e o pai ficaram quietos. Ai eu percebi que não estava lá para mudar nada. Minha melhor chance de mudar é mostrar o melhor de mim para que eles tenham uma boa impressão de uma estrangeira e levar essa história para fora dali. Só recentemente pude encontrar Malala na Inglaterra e levar o

livro pessoalmente. disse que iria de qualquer jeito e fui nas férias. Depois vendi a matéria para o jornal. Nas férias seguintes fui estudar na França, e, acompanhando as eleições americanas, comecei a escutar que a guerra de Obama seria no Afeganistão. Comprei uma passagem e fui para lá. Fiquei 20 dias, porque queria pegar mais informações. Demos um furo. Logo que Obama entrou, anunciou o envio de 17 mil soldados e nós publicamos o caderno no dia seguinte.

A tecnologia facilitou muito o trabalho dos jornalistas, não?

Sim, facilitou muito. Hoje eu falo com refugiados do Sudão por celular. Uns garotos que moram num campo de refugiados me ligam para dizer para onde estão indo. Eu tento ajudar a distância. No Afeganistão, conheci um menino que nunca tinha visto um piano e em um ano estava tocando Bach. Fiz uma matéria com ele, conseguiu uma bolsa em uma escola de Cabul e agora conse-

guiou outra bolsa na Universidade de Nova Iorque.

Como foi descobrir os fatos para contar a história dela?

A história que eu queria contar da menina anônima termina com o tiro. Ela virou um símbolo de protesto pacífico e vai fazer outra história. No meu livro falei da Malala da época, conversei com suas amigas, fui no seu quarto, revirei suas gavetas, folheei sua agenda, vi suas provas, passei uma tarde convivendo com as meninas no pátio da escola. Tudo que eles deixaram para trás quando saíram às pressas do vale. Elas nem sabem que têm que mudar, para elas essa é a realidade, estão felizes e se realizam no espaço da escola.

Qual foi a primeira matéria envolvendo risco?

Acho que foi a primeira viagem para o Irã. Depois veio o livro e a questão da política nuclear. Meu editor não concordou que eu fosse, mas eu

achei que não deveria fazer julgamentos ou olhar sem convicção para nenhuma delas. E não sei se tenho fé. Rezo nos momentos mais difíceis, acho que eu me rendo ao fato de que eu não sei se existe algo que nós não conseguimos entender. Acho que ser ateu é também uma convicção e é difícil. Ser ateu é uma questão de fé, porque você também tem fé no que acredita. Você não consegue provar que não existe nada. Eu rezo para um Deus que eu não sei muito o que é e também não quero saber. Eu estou aqui, acho que sou uma pessoa mais racional. Tento fazer o melhor para mim e para as pessoas que estão perto de mim. Todos estamos na mesma jornada, então que seja uma jornada melhor para todos.

Você se envolve com as histórias?

Não tem como não se envolver, não acredito nisso. É impossível ir nesses lugares, aqui ou no exterior, e não se envolver. Não acredito em Jornalismo isento, isso é uma bobagem. Se você vai fazer uma matéria sobre pedofilia, você dá o mesmo peso para as duas partes? Eu tento é achar explicação para aquilo tentando não demonizar as coisas. No livro da Malala eu falo do Talibã e de seus integrantes, que são bandidos e ela a mocinha, porque foi assim que a história se deu. Mas eu procuro explicar a história deles também. Lembro que entrevistei um talibã que era o chefe, fui no seu esconderijo. Durante a entrevista, perguntei se ele havia se casado por amor. Acho que foi tão inesperado que ele começou a rir e disse que eu era uma lou-

ca, que não se perguntava isso a um talibã, que eles não podem falar dessas coisas.

E como foi essa entrevista?

Ele era o Mulá Fogueite, chamado assim porque um dia explodiu um helicóptero. Mas esse homem um dia foi uma criança abandonada. A família era nômade, a mãe morreu no parto e o pai acho que não tinha condições de ficar com ele. Entregou para um mulá em uma madraça, ele cresceu sem nenhuma relação com o feminino, só aprendendo a lutar. Claro que esse menino vai se tornar um homem violento, mas os bebês não nascem violentos, acontece algo na sua trajetória que fez com que ele se tornasse assim.

O que aproxima Adriana da Malala?

Escrever esse livro foi realizar um sonho. Era uma história que eu queria muito contar. Eu também fui uma menina que queria ir para a escola e todo ano era uma luta para saber se eu conseguiria uma bolsa. Felizmente, sempre tive pais que me incentivaram muito. Minha mãe sempre trabalhou fora, eles queriam que eu estudasse.

Eu tinha meu Ziauddin em casa, acho que por isso me identifiquei muito com a história. A vida é assim, não somos metade, somos gente inteira compartilhando a vida com outras pessoas inteiras. Meu pai, Norberto, não tinha muito dinheiro, mas comprava fascículos de enciclopédias nas bancas, ficávamos lendo juntos e descobrindo lugares no mundo.

Que outra história mexeu com você?

Gosto de fazer matérias sobre mulheres. O tema foi acontecendo naturalmente. Em São Paulo, fiz muitas matérias envolvendo mulheres, como gravidez precoce, por exemplo. Depois, me aproximei mais de assuntos como infância vulnerável e juventude. Cobri rebeliões na Femen, cheguei a ficar seis meses dentro da Femen feminina, da Mooca, falando com meninas que tinham cometido crimes graves, como latrocínio, assassinato, sequestro. Fiz a codificação do documentário *E Se For Menina?*, sobre adolescentes envolvidas com o crime em São Paulo, personagens que acompanhei durante sete anos, mesmo depois de libertadas.

Você passa por momentos de risco. Você reza, tem fé?

Nasci católica, mas hoje não tenho religião. Eu comeci a cobrir religião e